ARCHIVO PITTORESCO

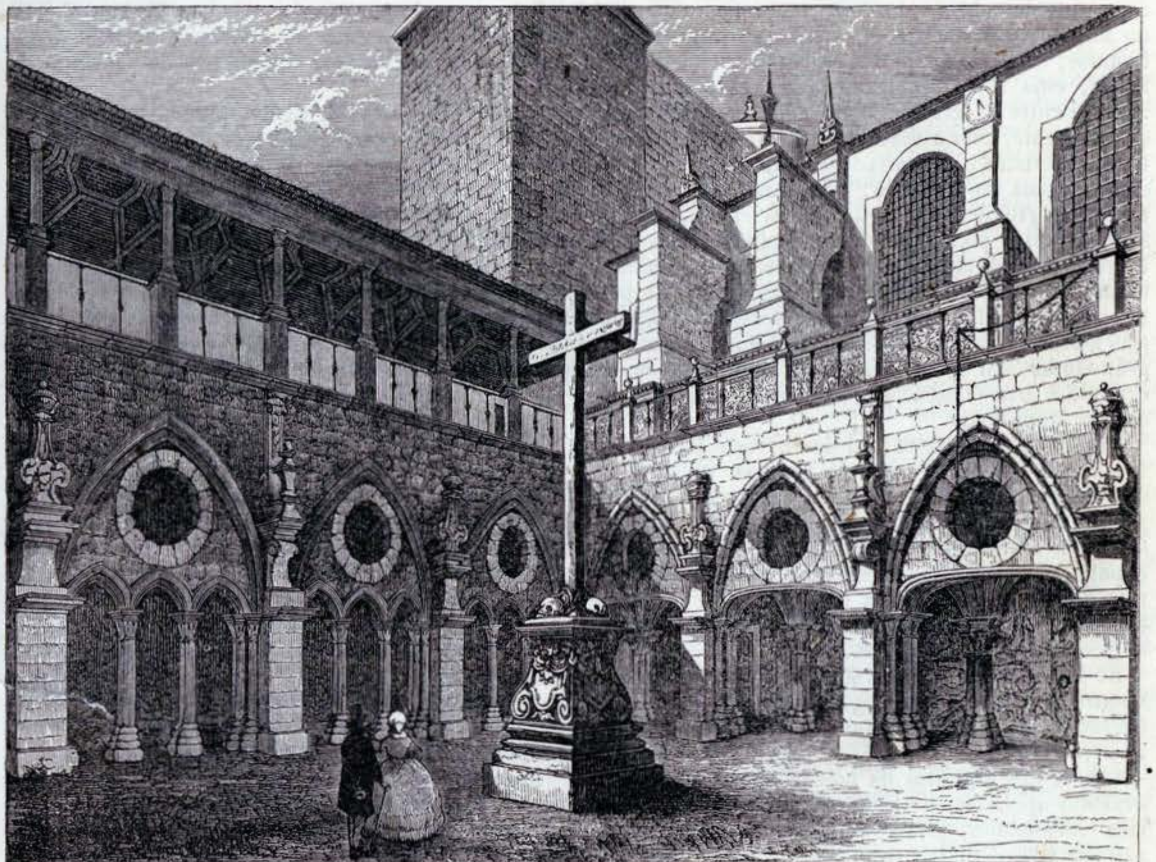
SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO, IRMÃO & C.ª

Assignatura em Lisboa, anno 2:000 réis — para as Provincias pelo correio, 2:200 réis — numero avulso 50 réis.
Escriptorio, rua da Boa-Vista — Palacio do conde de Sampaio.

4.º ANNO — 1861

PROVINCIA DO MINHO



Claustro da sé do Porto — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

PROLOGO

Novo anno começa hoje para este jornal, e oxalá que ao cabo d'elle possam os leitores chamar-lhe anno bom!

Costumam as publicações periodicas feriar n'estes seus anniversarios natalicios, á similhança das familias em dia de annos. Mas não é para vestir galas, receber parabens, nem alegrar o animo com banquetes e saraus; é para pedir desculpas, justificar omissões, fazer propositos de emenda, invocar absolvição. Em fim, o dia de annos de um periodico é o dia da sua desobriga. Vê-le quão triste e sobresaltado não será elle!

Afigura-se-nos ao espirito, n'esta hora, ver tantos confessionarios abertos quantos são os assignantes d'este semanario, ideando cada qual a penitencia que nos ha de impor; e nós a sentirmos cá dentro o peso dos peccados que havemos de levar aos pés de tantos confessores.

Filhos da egreja periodica, não faltámos nunca a este mandamento, nem perdemos jámais a confiança em tribunal que tão misericordioso nos tem sido, desde muitos annos. O que sempre nos assombrou

foi o onus que tem os redactores, de expiarem tambem os peccados alheios, no que ficam de peior partido que os demais filhos de Adão. Cabe muitas vezes, ao principal redactor, a gloria que se devêra repartir irmãmente pelos coadjutores intellectuaes, artisticos, industriaes e pecuniarios do jornal; mas tambem só a elle se pedem contas, só elle se confessa aos leitores, só elle é penitenciado em publico.

Aqui estamos, pois. Mais resignado e contrito não o ha.

Os peccados em que incorremos este anno não carecem de confissão explicita; o leitor os tem apontado e traz registados: estamol-os d'aqui a ler no canhenho que quasi todos trouxeram para este confessionario. Mas o exame de consciencia, que de vespera fizemos, diz-nos que são todos veniaes.

Os artigos de fé que formam o symbolo d'este jornal, são: — instruir e recrear pela escripta e pela gravura, dando o maior campo aos feitos e monumentos nacionaes; reanimando e influindo o espirito de independencia e amor patrio com a narrativa das nossas glorias passadas, da grandeza dos nossos heroes, dos descobrimentos que tanto nos afamaram no mundo; das sciencias e artes que outr'ora cultivámos; com os exemplos classicos da lingua que fallâmos, cuja riqueza, elegancia e decoro tanto nos nobilita entre as grandes familias da raça neolatina; e, finalmente, com o desenho dos monumentos artisticos, das vistas e das povoações que mais engrandecem um paiz tão limitado; e tambem com os retratos dos portuguezes notaveis por sciencia, lettras e artes. N'estes pontos capitaes do plano do Archivo Pittoresco, havemos posto quanto esforço possuimos, lidando por desenterrar dos archivos publicos e particulares, dos manuscriptos e livros raros, as memorias gloriosas do nosso passado, que a incuria e a ingratidão haviam deixado esquecer, apurando com escrupulo e boa diligencia a verdade ignorada, sumida, ou desfigurada.

Quando a torrente caudal dos livros e jornaes estrangeiros, que aliás nos vem fertilisar o campo da sciencia e da litteratura, parece querer-nos submergir de todo os fructos nativos, até os que tem resistido a inundações d'outro genero, aconselha-nos o patriotismo que mostrêmos aos que nos succederam na herança de gloria que já desfructámos, as cartas de partilha que tiraram nossos avós no grande seculo dos descobrimentos.

Se os bens herdados estão hoje n'outro poder, n'outras mãos, e havidos quasi todos de mão beijada, ao menos não percâmos os titulos da primeira posse, que são escriptos em linguagem vernacula, que são os textos sagrados da nossa lingua, por onde a devemos aprender, e ensinar a nossos filhos. Salvemos esses titulos, conservemol-os, que esta riqueza não nos podem roubar os que toda a mais nos tem levado. Digamos a este proposito, com a chãnidade popular dos nossos antigos: «Vão-se os anneis, fiquem os dedos.»

Zeladores e respeitadores d'esta herança immortal, a lingua materna, temo-nos esmerado por que ella floresça n'estas paginas com todas as suas galas, sem os girões da franceza que em muitos escriptos de hoje lhe põem os gallicanos, trazendo-a mais remendada que uma capa de pedinte, como já disse um nosso purista.

Para auxilio dos principiantes, démos no passado volume uma serie de «estudos da lingua materna», onde resolvemos algumas difficuldades que occorrem na construcção grammatical, e tambem quanto á vernaculidade dos vocabulos e da locução. O mesmo estudo continuaremos a fazer n'este volume.

Todas as duvidas que os nossos correspondentes nos propuzeram, resolvemos segundo as melhores auctoridades. E sempre d'este modo o faremos, até onde chegar o nosso peculio.

Assim como o volume que findou se avantaja aos antecedentes em gravuras originaes, e de assumptos portuguezes, o que ora começa ainda conterá maior numero d'ellas. Os editores desvelam-se n'este ponto; trabalho nem despeza poupam para que o unico jornal illustrado com gravuras de madeira que hoje ha no reino (e já houve bastantes!), se aproxime, quanto for possivel, dos que lá fóra tanto applauso e retribuição tem.

Um nobre incentivo, um poderoso auxilio tem elles tido para isso. É a generosa e longa subscripção da patriotica e modesta sociedade *Madrépora*, composta de portuguezes verdadeiros, estabelecidos na corte do Rio de Janeiro. Além de grande numero de collecções que por sua conta vão para aquelle imperio, distribuiu o anno passado pelas escholas populares do reino 300; este anno dobrou a distribuição, pelo que 600 escholas de instrucção primaria receberão mensalmente o Archivo Pittoresco, por donativo d'aquella illustradora sociedade.

Este exemplo por esses nossos concidadãos aberto entre nós, já tem tido seguidores, e a elles se deverão os beneficios que d'aqui hão de provir á instrucção publica.

O governo de S. M. El-Rei dignou-se já louvar este donativo, encarregando aos governadores civis dos differentes districtos do reino, a distribuição do nosso jornal pelas escholas indicadas na circular da repartição de instrucção publica, publicada no «Diario official» de 11 de Junho de 1860.

Este honroso compromisso, a crescente affluencia de assignantes, o favor publico, e em especial o de toda a imprensa periodica, nos obriga a empenhar todos os nossos recursos na boa redacção e illustração d'este jornal.

O CLAUSTRO DA SÉ DO PORTO

A cathedral do Porto é um edificio composto de diversos typos d'architectura. Desde os fins do seculo XI, em que a fundaram, ou reedificaram inteiramente o conde D. Henrique e a rainha D. Theresa, até ao começo do seculo XVIII, em que o cabido, sede vacante, lhe fez de novo a porta principal, tem passado esta sé por muitas transformações parciaes, e cada uma d'essas epochas, em que lhe alteraram as feições, lá está representada por um spécimen da architectura que então predominava.

Revela-se nas torres o estilo chamado bysantino, nascido em Constantinopla da confusão da arte romana com a do oriente, ao desmoronar do imperio dos cesares; dominante na Europa nos seculos XI e XII, e modificado em o nosso paiz pelo atraso da civilisação, e simplicidade dos costumes; pela escassez de meios, e exigencias da lucta contra o islamismo.

O claustro é um exemplar do gothico puro, que se distingue pela singeleza e severidade que caracterisam as construcções dos seculos XIII e XIV.

Na capella-mór e sacristia vê-se o estilo da architectura classica, denominada commummente *do renascimento das artes*, que tão bellos monumentos soube crear em França e na Italia, mas que em Portugal, recebendo o influxo das desditas publicas, se estampou com pesadas fórmas e tristes côres em todas as edificações da segunda metade do seculo XVI, e de todo o seculo XVII.

Na porta principal, e na galeria que se estende por quasi toda a frente lateral, servindo como de ves-

tibulo á porta travéssa, estão desenhados, um periodo inteiro da nossa historia, e um genero de architectura, que, se não tem uma classificação especial aos olhos da arte, póde com alguma razão chamar-se entre nós estilo de D. João v. É um typo particular de architectura nobre e grandioso pelas suas proporções e harmonia, mas destituido de graça e belleza: imagem verdadeira do animo elevado e magnifico do soberano, e da fria e pesada etiqueta da sua corte.

Assim é, pois, esta cathedral um dos poucos monumentos que ha no paiz, de remota origem, onde se encontram com fórmas bem distinctas os diversos generos de architectura, que presidiram á sua fundação e reconstrucções.

Devendo publicar-se n'este jornal mais alguns desenhos d'este edificio, reservámo-nos para então fallar d'elle mais detidamente. Agora só daremos breves noticias relativas á gravura que acompanha este artigo.

O claustro da sé do Porto foi obra do bispo D. João, 3.º do nome, e teve principio no anno de 1385. Não é muito vasto, nem de grande sumptuosidade, porém não lhe falta primor de trabalho e belleza.

E além do merecimento archeologico e artistico, tem para a cidade do Porto bastante interesse historico.

O bispo fundador foi um dos prelados d'aquella sé que mais se illustraram por suas acções generosas e patrioticas, e que maior affeição grangearam das suas ovelhas, particularmente dos habitantes da cidade, por muitos e singulares beneficios. Aos eminentes serviços que este bispo prestou ao paiz na defensa da independencia nacional, e na elevação ao throno do mestre d'Aviz, contra as pretenções de Castella, correspondeu D. João i, galardoando-o com a sua amizade e privança. Aos beneficios por elle feitos á cidade, mostrou-se a camara agradecida, offerecendo-lhe, como penhor de gratidão, mil pedras lavradas para as obras do claustro.

Acha-se este situado da parte do sul da egreja, a cuja parede se encosta um dos seus quatro lanços, o qual tem os arcos abertos, sem que os dividam columnas, e por cima d'elles corre uma varanda, ou terrado descoberto.

Dos outros tres lanços são os arcos divididos por columnas, e sustentam uma galeria superior, cujo tecto se apoia sobre delgadas columnas de ordem dorica. Esta galeria é obra muito mais moderna que os lanços inferiores. Suppomos que pertence ás reedificações emprehendidas em 1609 pelo bispo D. fr. Gonçalo de Moraes; bem como a cruz que adorna o centro do claustro. As columnas acima referidas são trezentas e quatro.

Nos lanços inferiores ha quatro pequenas capellas, uma em cada angulo. Na que é consagrada a Nossa Senhora da Saude, mandou fazer o mesmo D. fr. Gonçalo de Moraes um carneiro para jazigo dos bispos d'aquella sé, e apenas se acabou, trasladou para elle com grande pompa as ossadas dos seus antecessores, recolhendo-as em tumulos com os epitaphios em lamina de bronze. Até então jaziam estes prelados em sepulturas rasas, no corpo da egreja.

Esta parte do claustro communica-se com o templo e com a sacristia. Os lanços superiores conduzem á casa do cabido, e a outros quartos pertencentes á fabrica da sé.

Contiguo a este claustro fica o claustro velho, obra mesquinha e irregular, guarnecido só por dois lados com um alpendre sustentado por pequenas e delgadas columnas doricas, e sem especie alguma de ornato. Parece-nos ser da fundação do conde D. Henrique, por causa da ordem dorica das columnas, que era muito usada na architectura bysantina, e por não mostrar vestigio algum do gosto gothico, pois que este genero de architectura só muitos annos depois da morte da rainha D. Theresa se começou a introduzir em Portugal.

Junto ao claustro velho está uma casa que serviu de egreja da misericordia, antes d'esta confraria ter templo proprio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FUGA DA RAINHA, MULHER DE AFFONSO VI, E REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

Estava-se a 21 de novembro de 1667. O desaccordo entre Affonso iv e sua mulher tornára-se cada vez mais profundo. Do partido do rei, falho de elementos politicos, privado de sympathias, desacreditado pelos erros ou pelas aviltações, nem já restavam sombras que amedrontassem o do infante. A auctoridade enfraquecêra na mão do monarcha imbecil, e os que o pretendiam reduzir só careciam da plausibilidade de um pretexto para dar batalha campal, que contavam vencer.

A occasião e o pretexto chegavam.

A rainha, affectando obrar por impulso da consciencia, sem consultar os seus naturaes conselheiros, Verjus e Saint-Romain, resolveu deixar o paço e o esposo, recolher-se clandestinamente ao convento da Esperança, propor acção para o seu divorcio, e (dizia ella) regressar a França.

São curiosos dois bilhetes, escriptos no mesmo dia, pelo padre de Villes, confessor de Maria Francisca Isabel de Saboia, communicando o facto a Verjus, e desculpando-se do segredo guardado até alli.

Primeiro bilhete:

«Tendo a rainha resolvido sair esta tarde do paço, e recolher-se ao convento da Esperança, ordenou-me que vol-o communicasse, para que tambem o fizesseis saber a Saint-Romain. Pelo que ella me disse, espera receber-vos ambos, ámanhã, e dizer-vos, pessoalmente, os motivos urgentes que teve para tomar e executar tal resolução. Tambem eu terei a honra de vos ver alli, pois S. M. determina que eu a siga e me enclausure com ella. Consolar-me-hia ter-vos podido avisar prèviamente; mas, depois da declaração de S. M., que, como vêdes, foi subitanea, não m'o permittiu o tempo, que só chegou para que viesse do paço á minha residencia, dispor com precipitação o que me foi possivel para esta viagem, que, nem por ser mui curta, será de pequena duração. Quanto me custa emprehendel-a! Confio, porém, em Deus, que até agora tem guiado S. M. como pela mão, que continuará a guial-a e abençoará a sua resolução, que é apoiada em principios de christianismo e de prudencia, os quaes, quando forem sabidos, ninguem, cuido eu, impugnará.

«Supplico-vos que me desculpeis com mr. de Saint-Romain e mr. Gravier, de eu não ir pessoalmente dar-lhes conta d'esta viagem. Continuae-me, como o tendes feito sempre, a vossa amizade por toda a parte, e mais do que até aqui, no logar para onde vou, porque não podeis duvidar que, mais do que nunca, sou todo vosso.

«O cavalheiro de La-Fayette prometteu á rainha um cozinheiro e um ajudante, que tinha promptos. Peço-vos que o aviseis da parte de S. M., para que ámanhã lh'os venha apresentar, ou m'os envie ao convento da Esperança, para que entrem no serviço de S. M.»

Segundo bilhete:

«Passando por vossa casa, haverá uma hora, deixei-vos um bilhete, nas mãos de Pointel, em quanto a rainha, por ordem de quem vol-o escrevia, vos

esperava para vos communicar, de viva voz, a sua resolução. Faço este segundo, para vos rogar que, seja como for, mandeis preparar em casa de mr. de Saint-Romain alguma coisa para a ceia da nossa pobre ama, pois o temor que houve de descobrir o seu plano podia talvez fazer que, sem isso, fosse muito mal tratada esta noite, se, como era mui provavel, o fosse á portugueza. Amanhã se dará ordem a isto. Hoje salvar-nos-hemos como podérmos. Quizera dizer-vos mais, que comecei, e ha meia hora trabalho no que mr. de Saint-Romain me disse vindo do paço. Certifico-lhe a sinceridade do meu zelo, e os meus respeitos, e que desculpe o meu silencio sobre o que vos escrevi: como elle talvez combatesse a resolução de S. M., que não consentia na menor demora, pareceu-me dever poupar-lhe, e a vós tambem, a pena que podieis ter. Por Deus, fazei que elle me não tenha menos amizade, e me não creia menos servidor seu. Sou todo vosso, e parto d'aqui para junto de S. M.»

Mal a rainha entrou no convento da Esperança, mandou pelo conde de Santa Cruz, communicar a Affonso VI a causa d'este recolhimento. Porque a consciencia lhe não permittia continuar em sua companhia, resolvia regressar a França.

O rei entrou logo n'uma carroça, e partiu em direitura ao convento, sem mais sequito que os seus mulatos e valentões, o que surprehendeu todo o mundo.

O cavalheiro de Clermont, e o conde de Ranzau, que o viram chegar, foram logo avisar o enviado francez Saint-Romain, e o padre Verjus, pois D. Affonso parecia resoluto a entrar á viva força no mosteiro, se lhe não abrissem a porta, na qual dava pontapés, pedindo machados para a partir.

Então o principe e a maior parte do conselho appareceram alli, e resolveram o rei a voltar ao paço, para deliberarem sobre o objecto.

D. Affonso procurou justificar-se do que sua mulher allegava para dissolver o matrimonio, proferindo *galantes* coisas diante do conselho. Ponderando-lhe o eleito-bispo de Leiria, D. Diogo de Souza, que o que elle dizia não era sufficiente, e se carecia de *outra* e *outra* prova a seu favor, pareceu que o rei se dispunha a atalhal-o demonstrativamente porventura com a idéa de assim se justificar melhor, e de modo que nenhuma duvida deixasse a respeito do que dizia. Entretanto não chegou a tanta extremidade.

No dia 22 pela manhã, Sain-Romain, e De-Almerás, foram ver a rainha. Ouviram-lhe todas as razões, consideraram o estado das coisas, e tomaram providencias para segurança do tratado de alliança com a França. Tanto elles como Gravier protestaram á rainha que a esquadra franceza se demoraria no Tejo, quanto fosse necessario a seu serviço.

D. Maria Francisca assentára nomear primeiro procurador na causa de nullidade do seu matrimonio, o duque de Cadaval: para o logar de segundo lembrára-se de Saint-Romain, e mandára-lh'o propor n'aquella mesma manhã, por intermedio de Verjus, e de de Villes. O enviado francez confessou-se agradecido á honra da escolha, mas entrou em duvida se ella convinha ao seu caracter official. Depois de pedir tempo para pensar, considerando que o negocio era extraordinario, e que a justiça e a razão d'elle podiam vir a carecer do soccorro da força; não achou proprio, depois de se ter retrahido tanto tempo, expor-se a que acreditassem ter elle sido um dos principaes auctores d'esta dramatica peripécia. Foi por isso que obteve da rainha a escusa do proposto mandato.

No mesmo dia e na manhã do immediato, o conselho d'estado, a nobreza e todos os tribunaes foram convocados pela rainha. Declarou-lhes a causa do seu refugio, e a sua resolução de passar a França, nos navios da esquadra franceza, que estava no Tejo. Oppunham-se todos vehementemente á sua partida, declarando que o não consentiriam nunca, nem queriam outra rainha senão ella. Nas ruas e praças, povo, homens e mulheres, diziam a mesma coisa. Todos murmuravam contra as embarcações francezas; todos gritavam que era preciso reconduzir a rainha ao paço e que n'elle a guardariam; todos lhe testimunhavam n'este caso ainda mais amor que até alli.

N'esse dia, quarta feira, 23 de novembro, convidado o principe pelo conselho e nobreza a tomar conta do governo do estado, e salvar assim o reino, apresentou-se no paço, como fizera na quarta feira 5 de outubro, acompanhado da nobreza, do conselho, e dos principaes dos tribunaes e do povo.

Na primeira entrada confessou D. Affonso publicamente que a rainha não era sua mulher, e que queria ceder o reino a seu irmão.

Procurou-se então meio de accommodar as coisas, de modo que D. Affonso VI continuasse no logar de rei, e sob os seus auspicios o infante tivesse a auctoridade, como a tivera o conde de Castel-melhor.

Quando se estava em meio d'esta deliberação, foram advertidos de que o rei fizera vir barcos ao pé do palacio e tentava evadir-se. Foi facil concordarem todos em que era preciso prendel-o, e guardal-o na sua camara; tomando D. Pedro conta do governo, debaixo do titulo de regente.

Uma e outra coisa foi realisada, sem contradicção nem difficuldade.

O governo do principe foi logo proclamado pela cidade ao som de tambores, e o dia se passou com menos sobresalto que o de 5 de outubro.

Um decreto ácerca da mudança operada no governo, foi expedido a todo o reino.

O regente dormiu essa noite no paço. Na manhã seguinte apresentando-se Saint-Romain a comprimental-o, lá encontrou o enviado de Inglaterra, que annunciára já o mesmo intento. Porque se estava *entre amigos*, Saint-Romain foi chamado primeiro, e só depois o inglez, que por isso fez grandes queixas ao secretario do principe, fundado em que pedíra audiencia muito tempo antes do enviado de França, que fôra primeiro do que elle introduzido.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

O THESOURO DA REAL COLLEGIADA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA EM GUIMARÃES

Poucos paizes possuiam, como este nosso, tantas riquezas accumuladas nos thesouros dos seus templos. E como não havia de ser assim, se desde o principio da monarchia até ao seculo passado, os nossos reis e principes, os fidalgos e os prelados, e os proprios populares, que por qualquer modo se enriqueciam, faziam consistir o seu maior fausto e generosidade nas doações aos conventos, e nas alfaias offerecidas para o culto divino.

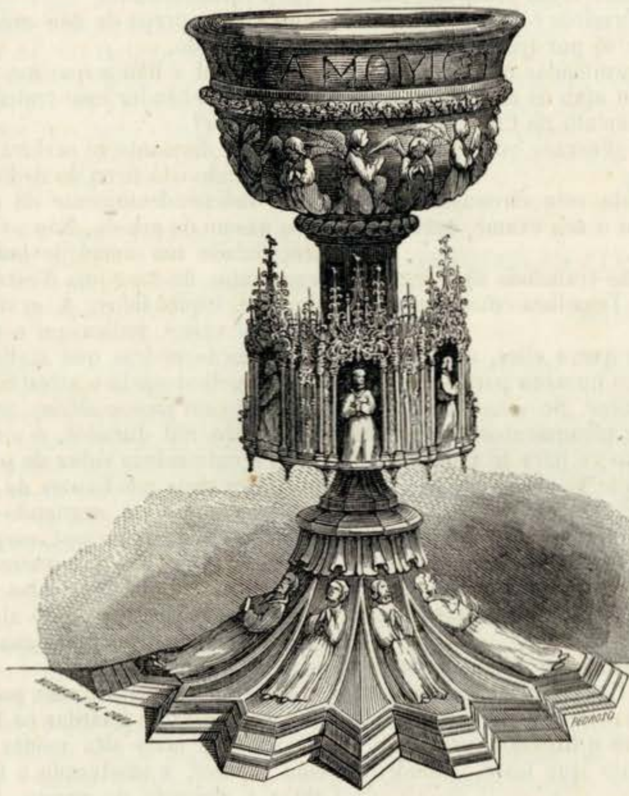
Foi d'esta arte, que uma grande parte do oiro e pedraria, que a India e o Brazil entornaram prodigamente nos cofres de Portugal, se transformou em mosteiros, egrejas, e vasos sagrados. Tão avultadas eram, pois, aquellas riquezas, e em tão grande copia, que não bastaram para as malbaratar e destruir tantas invasões estrangeiras que nos tem despojado de infinitas preciosidades; nem os terremotos, que por tantas vezes nos tem anniquilado e confundido no pó das ruinas, cidades, monumentos, cabedaes, e primores de arte; nem finalmente, o desbarato que lhe sobreveiu na extincção das ordens religiosas.

O thesouro da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães já no seculo XV occupava um logar distincto entre os mais celebres do reino. Ao presente, apesar de espoliado de muitas peças importantes por occasião da invasão franceza de 1809, ainda é um dos principaes na quantidade e valor das alfaias e vasos sagrados, e, quanto a nós, o mais rico e curioso em objectos archeologicos, historicos e artisticos.

Pertence a estes ultimos o calix representado na gravura junta. É uma peça de muito primor, que bem mostra no gosto do desenho, no brincado dos ornatos, e na perfeição da esculptura, ser executada por artistas do reinado del-rei D. Manuel. Esta epocha afortunada da nossa historia não se contentou de deixar commemorada a sua gloria e grandeza nos descobrimentos e conquistas que assombraram o mundo; ainda nos legou, em variados padrões, documentos authenticos do lustre que adquiriu na cultura das lettras e das artes.

É o calix de prata doirada, e tem de peso oito marcos menos uma onça. No pé vêem-se esculpidas em alto relevo as figuras de oito apostolos. No meio estão seis estatuas, a de Nossa Senhora e de cinco apostolos, mettidas em nichos, inteiramente vasados, aos quaes fazem coroa uns arrendados baldaquinos, guarnecidos de delicadissimos lavores. Na parte superior tem um côro de anjos em adoração, cinzelado com singular esmero.

Este precioso calix foi dadiva do chantre da mes-



Calix da real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães
Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

ma collegiada, Fernando Alvares, no fim do reinado de D. Manuel, ou no principio do de D. João III.

Esperâmos voltar breve a este assumpto, para irmos fazendo conhecidos em estampa os objectos mais notaveis d'este curiosissimo thesouro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O CÃO DO REI MELAI

CONTO ALLEMÃO DE MEISSNER (TRADUZIDO DO ORIGINAL POR HENRIQUE VAN-DEITERS)

Com as violencias da seita dos iconoclastas padeceram assás as bellas artes, mui especialmente a esculptura, entre os gregos da edade media. Era então a pintura que fazia os enlevos d'aquella seita, e n'ella consistia todo o ornato e revestimento dos seus templos e palacios. Primeiro se viam cem quadros, antes que se encontrasse uma estatua mediocre; e os descendentes de Phidias e Scopas não só votaram ao desprezo a arte de seus grandes mestres, mas tambem esqueceram o valor dos Milciades e dos Themistocles.

Foi sob o governo do imperador Constantino que esta divina arte começou a rejuvenescer e a tomar algum incremento.

Percorrêra este principe a Italia, ántes de subir ao throno, e durante as suas viagens por aquelles reinos lhe desabrochou n'alma o amor apaixonado, e a profunda admiração das preciosas reliquias da grandeza romana que encerra este paiz. Ao empunhar o sceptro, foi a sua primeira idéa incitar os vassallos a seguirem o exemplo dos italianos. Aconteceu então o que raras vezes se dá entre nós, mesmo para com os compatriotas: os artistas eram largamente protegidos e recompensados; e tanto isto os fez gratos e captivou, que se agruparam todos em volta do throno do grande monarcha. Um dos mais habeis e peritos na arte de esculpir em marmore e bronze, foi Melonio. A celebridade do seu talento só á

candura da sua alma se podia comparar: tanto o enthusiasmavam o aspecto das bellas fórmas, como a narração de grandes feitos e acções magnanimas.

Um dia, ao pôr do sol, dispunha-se elle a largar o trabalho, quando um ancião, alquebrado e pendido para a terra, entrou na officina e pediu licença para o ver.

As cans do velho, certa altivez no olhar, cujo lume o gelo dos annos parecia ter amortecido, mas não extincto; o trajo modesto, mais ruim que bom, porém decente; as vistas cheias d'alma com que elle attentava nas obras primas do artista; a parcimonia das suas palavras cheias de senso e critica; tudo isto excitou a curiosidade e admiração do esculptor, tanto mais que não tinha por costume receber os curiosos e importunos que o procuravam durante o dia.

Examinava o estrangeiro com escrupulosa attenção as obras do esculptor que guarneciam a officina, e por um singular acaso eram todas ellas consagradas á memoria de guerreiros celebres. As guerras com os barbaros, que só por tregoas foram interrompidas, mas nunca terminadas por uma verdadeira paz, occupavam com afan os contemporaneos de Melonio; e o reconhecimento de Constantino decretára a muitos de seus generaes estes monumentos de immortalidade.

Não passou despercebida esta circumstancia ao ancião, e concluido que foi o seu exame, exclamou, voltando-se para Melonio:

— Todos estes magnificos trabalhos são, segundo vejo, dedicados a heroes. Tens-lhes consagrado exclusivamente a tua arte?

— A ninguem menos do que a elles, respondeu o artista. Amo assás o genero humano para sympathisar com os seus destruidores. Se vens encontrar a minha officina atulhada de monumentos a elles consagrados, é um puro acaso; e para te fallar com o coração nas mãos, acaso que mais me promove magoa que regozijo. Ao modelar estes emblemas do seu officio e de seus feitos, muitas vezes o cinzel me caiu das mãos; e tu me acreditarás, espero-o, quando te disser que as nodoas de sangue que mancham estes gladios de marmore, não foram postas sem intenção.

— Dupla gloria do artista, que além do talento possue uma alma nobre! Consagrarias tu, voluntariamente, o cinzel a fazeres reviver o que foi bom, sob qualquer fórma que a sorte o fizesse existir?

— Sem duvida; comtanto que fosse verdadeiramente bom.

— Se o foi! se o foi! Nem tu, nem eu o podêmos ser em mais subido grau, retrucou o velho, limpando duas grossas lagrimas que lhe bailavam nas orbitas. Depois, trocando o tom pausado e reflectido da velhice, pelo enthusiasmo da juventude, proseguiu: Mas, ó grande artista! qual é o preço que tu pões a uma obra saída de tuas mãos!

— Dois mil besantes de oiro.

— É assás sem duvida; porém não demasiado para o que elle merece — murmurou o velho lá comsigo.

— Porém, de quem fallas tu? perguntou o esculptor, não sem alguma surpreza.

— Antes de te responder, permitte-me ainda outra pergunta. Limitas-te exclusivamente á pintura de guerreiros, ou vás mais longe? Julgarás digna da tua divina arte uma creatura de outra especie que não seja o homem, se a sua vida for credora de admiração?

O embaraço do esculptor recrescia a cada palavra do ancião.

— Uma creatura de outra especie que não seja o homem! De quem fallas tu?

— Maior será ainda a tua confusão quando eu t'a nomear, redarguiu o ancião sorrindo.

— Pois nomeia-a!

— O meu cão...

Dissera o velho a verdade. Enleiado no mais profundo embaraço, e quasi attonito, ficou o esculptor ao ouvir a sua ultima resposta. O ridiculo da proposição lhe fez suppor que o velho era demente, ou um ruim gracejador, enviado pelos seus inimigos. As suas fallas porém, até então cheias de sisudez, desvaneciam a primeira supposição; quanto á segunda, em nada se casava ella com os seus olhares, cheios d'alma, nem com os modos, que indicavam uma grande bondade.

— Tens razão, honrado velho; se me espanto da tua proposta, é porque é a primeira d'esse genero que recebo. Porém é séria, ou não vae além de um mero gracejo?

— É séria; muito séria!

— E reflectiste bem n'ella?

— Profundamente.

— Até no preço de dois mil besantes?

— Em tudo.

— E qual a fiança que me dás, para que no caso de eu emprehender esse trabalho, me não fique elle infructifero?

— Este diamante te servirá de caução.

E dizendo isto tirou do dedo um annel, cuja fórma teria, independentemente da conversação, provocado o pasmo do artista. Não se lhe podia chamar com propriedade um annel de brilhantes; eram sim os fragmentos de uma joia d'esta especie; porém ricos ainda e esplendidos. A grandeza e grossura dos engastes vasios, indicavam o seu antigo valor; e as duas unicas pedras que n'elle permaneciam encravadas, melhor ainda o attestavam. O artista, que era entendido em joias e alfaias, avaliou uma das pedras em quatro mil ducados, e a outra em metade. Todavia a curiosidade subia de ponto, e elle não se pôde conter mais nos limites da circumspecção.

— Ancião! disse, erguendo-se e cerrando a porta cuidadosamente; ancião! emprazo-te para que me digas quem és, e o que queres de mim.

— O que eu quero, sabel-o tu de sobra; agora dizer-te quem sou, isso é de alguma consideração. É mister primeiro que jures guardar o mais inviolavel segredo.

— Serás satisfeito n'esse ponto, ainda que eu tenha por costume guardar os meus juramentos para negocios de mais alta monta — respondeu Melonio com rapidez, e mostrando o mais vivo empenho de obter a resposta do ancião. E demais, proseguiu, não basta para tranquillisar-te o animo, a minha exclamação tão pura e espontanea?

— Não a exclamação, retrucou ainda o velho, mas sim o tom com que ella foi proferida: é a expressão de uma consciencia limpa, o que me basta. Todavia, terás tu aqui uma casa menos exposta á entrada subita de algum importuno? Se tens, leva-me para lá, e será satisfeita a tua curiosidade.

Annuiu Melonio ao que o velho lhe pedia, e assentados que foram ambos, começou o ancião n'estes termos:

— Chamo-me Melai. Meu pae era rei de uma grande parte do Indostão, e eu, na qualidade de seu filho primogenito, o successor á coroa.

Aqui, ferido de assombro e pasmo, o esculptor ergueu-se e descobriu-se; porém o velho o reteve pela mão, com gesto amigavel e com um sorriso cheio de doçura e modestia.

— Fica-te como estás, lhe disse. A sorte dos reis é serem adulados na prosperidade, ultrajados depois de mortos, e geralmente esquecidos na desgraça ou no exilio. Apenas de vez em quando algumas boas almas os lamentam: sê d'esse numero, e fico satisfeito.

— Era meu pae, recomeçou o velho, depois de uma pausa demorada, um principe de indole bellicosa, que não só fazia tremer os visinhos, como tambem os vassallos; genio diametralmente opposto ao d'elle, póde-se dizer que eu formava a sua antithese; porque desde a mocidade, o meu mais vehemente desejo consistia no repouso e amor dos povos. Havia meu pae encanecido nos combates, e costumava olhar para as suas armas como se fossem paramentos de noivado. Quanto a mim, nunca peguei n'ellas senão com vivo pezar, e fazendo os mais ardentes votos de as depôr depressa, e para sempre. Alfim, o que me dera o ser, morreu. Alguns momentos antes de exhalar o ultimo suspiro, chamou-me para o pé de seu leito, tirou um annel do dedo, e enfiando-o n'este, me disse com voz pezarosa. Vás empunhar as redeas do governo; praza a Deus que nunca as deixes fugir das mãos. A tua fraqueza, porém, me põe grandes receios n'alma a esse respeito; porque tu, mais parece teres nascido para desempenhar o papel de cidadão humilde, que o de rei. Desgraçado de ti, se o teu povo te chega a conhecer como eu te conheço. Ordeno todavia, para te pôr ao abrigo das necessidades mais urgentes, que não tires nunca este annel do dedo em quanto te conservares no throno. Tempo virá, talvez, em que elle te seja bem necessario...

Prometti cumprir á risca essa derradeira vontade, e pouco depois expirou elle.

Foi o começo do meu governo celebrado por muitos beneficios e obras pias: na alegria geral e a approvação do povo achei a doce recompensa de taes actos. O nome da divindade e o meu viam-se sempre juntos, e n'alguns canticos lisongeiros tinha o meu a preferencia. Reduzi os impostos, negociei a paz com os visinhos, e muitas vezes me vangloriei, com justiça, de velar pela felicidade do povo em quanto elle dormia. Tinha-me nascido um filho ainda em vida de meu pae; sua mãe morrêra logo depois do parto. Chorei amargamente esta perda, dei o seu cadaver á terra com a pompa e magnificencia correspondente ao seu estado; e puz d'ahi em diante todos os desvelos d'alma no fructo do nosso amor.

Ao subir ao throno fiquei possuidor de bellezas sem conto; renunciei, porém, de todo o coração os prazeres, pelo menos aquelles em que a sensualidade tem o papel principal, e em que a ternura não toma parte: a minha amante era a nação. Comtudo, não foi senão por escasso tempo que me vi fôrro das algemas do amor. Contava eu os meus quarenta e oito annos, e sentia-me com todo o vigor da saude e robustez da mocidade, quando um dia veiu arrojar-se aos pés do meu throno uma rapariga de belleza tão acabada, e formosura tão deslumbrante, como eu ainda não tinha visto! Artista algum concebeu jámais na imaginação olhos tão doces, figura mais esbelta, nem aspecto mais seductor. Logo que ella fez uso da palavra, o som da sua voz foi bastante para subjugar até os que nem sequer lhe entendiam a linguagem, ou conheciam os motivos que alli a levavam.

Eram as suas supplicas lastimosas contra um tio barbaro e avarento, que pertendia vendel-a a um homem torpe, especie de aborto, tão aleijado de corpo como de alma, e já corroido pela devassidão e pelas doenças.

Adivinharás facilmente qual a decisão com que puz termo a este negocio. Mas ai! bem longe estás de fazer uma idéa do que me foi n'alma quando ella se retirou do pé do meu throno. O sentimento insoffrido, e a desvairada paixão de um rapaz de dezeseis annos, que pretendem furtar ao objecto dos seus desvelos e cuidados amorosos, pouco ou nada é, comparado com o que eu experimentei n'essa occasião: e á fé, que se m'o não tolhêra a dignidade de rei, teria corrido após a ella. Chamei-a. Quando se virou... como exprimil-o! ? o seu olhar, onde vivo e incendido chispava o lume da voluptuosidade, foi para a minha alma como a apparição subita do sol em toldado dia de inverno: desvaneceram-se logo as nuvens, e o horisonte limpo e puro simulou-me aos olhos uma nova creação!

— Declaro-te livre, lhe disse, formosa Sulmanaca, e para prova da tua liberdade, concedo-te os poderes para responderes ao teu rei diante de todo este povo, affirmativa ou negativamente: Acceitarás tu de boa vontade um logar entre minhas esposas?

— El-rei ordena — respondeu-me.

— Mas se elle não quizer ordenar...

— A maior ventura da tua escrava será prevenir sempre a tua vontade.

Desde esse momento foi ella a unica senhora de meu coração. Supprimi o harem; porque tive para mim como um insano desperdicio continuar a mantêl-o só por mero luxo; e Sulmanaca reinou pelo amor em meu peito tão despoticamente, como estava na minha alçada fazel-o, escorado no direito que me conferira o nascimento, a respeito dos meus vassallos, direito cruel de que nunca usei.

(Continúa)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

PERGUNTA

Noto nos escriptos modernos uma grande superfluidade ou luxo no emprego do artigo, ou adjectivo articular, como hoje se lhe chama.

As nossas grammaticas n'este ponto são miseraveis. Póde v. dar-nos algumas regras ou exemplos classicos, por onde se conheçam bem *os casos em que se não deva empregar o artigo?*

RESPOSTA

Visto que o artigo é um adjectivo determinativo, não se deve empregar quando o substantivo já se achar determinado por outra palavra, ou por sua propria natureza.

Exemplifiquemos a regra.

«Aquelle monarcha que com especial favor do ceo, veiu ao mundo ensinar aos potentados a arte de reinar.» — *Bluteau*, Prosas Academicas.

N'este exemplo o substantivo monarcha não póde admittir artigo, porque já está determinado pelo adjectivo demonstrativo *aquelle*.

«Entregarei minhas filhas quando der a alma a Deus, respondeu a desesperada mãe.» — *P. Manuel Consciencia*, Infancia Prodigiosa.

«Quem fiará tanto das qualidades de seu nascimento, que durma negligente sobre os favores que deve esperar do ceo.» — *Ribeiro de Macedo*, Obras.

No primeiro exemplo, o substantivo *filhas* não tem artigo, porque já está determinado pelo adjectivo *minhas:* no segundo o substantivo *nascimento*, tambem não tem artigo, porque se acha determinado pelo adjectivo *seu*.

«No juizo universal tomará Deus conta, mas dará tempo: no juizo particular toma conta, mas não dá tempo, porque primeiro toma o tempo, e depois a conta». — *Vieira*, Sermões.

N'este periodo do grande mestre da boa falla portuguesa, está terminantemente exemplificada a nossa regra; porque os substantivos *tempo* e *conta*, só na ultima parte da sentença levam artigo, por ser aqui onde se *determina* qual seja *o* tempo e *a* conta de que se trata.

Não se deve egualmente empregar o artigo com os adjectivos.

«Vãos em seus pensamentos, perturbados em seus conselhos, enganados em seus prejuizos, cegos em seus caminhos.» — *Heitor Pinto*, Imagem da Vida.

«Põe diante do confessor toda sua vida, dá-lhe conta dos embaraços de sua consciencia.»—*Balthasar Telles*, Chronica da Companhia.

É erro pois dizer-se: Esta senhora é a minha mãe, em logar de: Esta senhora é minha mãe.

Tampouco se deve empregar o artigo quando o substantivo estiver posto na accepção de indeterminado.

«Onde ha homens ha cubiça.»—*Sá de Miranda*, Carta I.

«Os reis podem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida, e as outras virtudes de que se compõe a verdadeira honra, não podem.» — *Vieira*, Sermões.

«Penitencia, zelo, sabedoria, amor, fortaleza, tudo se acha em S. Francisco, copia de Christo.» — *Idem*.

«Amor não é possivel esconder-se.»—*Bernardes*, Paraiso.



Tambor de vaquetas

«Olhos pregados no ceo, mãos recolhidas nas mangas.» — *Cardoso*, Agiologio Lusitano.

«O modo era caminhar a pé, sem alforge nem bolsa; capa ás costas, breviario nas mãos.»—*Fr. Luiz de Sousa*, H. de S. Domingos.

Não se julgue demasiado adduzirmos tantos exemplos, porque os buscámos de proposito para afazer o ouvido dos principiantes á suppressão dos artigos superfluos, pois vemos que todos elles costumam peccar por excesso n'este ponto. Ficam assim advertidos, com boas auctoridades, para cortarem das suas composições todos os artigos que as regras antecedentes mandam eliminar.

Para reverso da medalha, ponhamos agora aqui algumas locuções viciosas, e de classicos, que ha muitos d'estes Homeros que tambem de vez em quando dormitam.



Tambor-Harmonica

«Um dos meios *os* mais violentos que ha.»—*Fr. Bernardo da Cruz*, Chronica de D. Sebastião.

«Sua mulher que era vã como *o* são todas.»—*Diogo do Couto*, Decadas.

«Foi ver a sepultura de seu irmão que *o* havia de ser sua.»—*Pinto Pereira*, Hist. da India.

Em todos estes exemplos o artigo é redundante, e como tal vicioso. Não podêmos lançar este emprego á conta de modismo ou lusitanismo, como alguns o explicam, porque os classicos mais correctos não usam de similhante syntaxe; pelo contrario, até supprimem o artigo nos casos em que hoje se julga indispensavel, como por exemplo n'este do nosso Fr. Luiz de Sousa.

«A cabo de poucos dias voltou para a patria com muita satisfação del-rei.»—Hist. de S. Dom. part. 2. l. 3. Hoje dizemos commummente: *ao cabo*.

Temos excepções a esta regra, quando se junta o artigo aos nomes geographicos, astronomicos, etc; e aos substantivos a que queremos ligar idéa de familiaridade ou popularidade; e tambem quando o juntâmos aos possessivos para dar mais energia á phrase.

Como porém esta especie não se comprehende na pergunta a que respondemos, tratal-a-hemos para outra vez.

MUSICOS DA BIRMANIA

Da relação da ultima embaixada ingleza ao rei de Avá, no Indostão, escripta pelo capitão de engenheria H. Yule, copiámos as duas estampas que apresentâmos, pela singularidade do feitio e tamanho dos tambores que usam os birmanos.

São ambos estes instrumentos de metal afinado, mui arrendados e brincados; mas o que os singularisa é a altura e o ambito, de sorte que o tocador está mettido no meio, e anda em volta para os tanger.

Um dos tambores é tocado com os dedos, como as nossas harpas, o outro com duas vaquetas tambem a nosso modo. Este instrumento é muito antigo.

Dizem que ambos estes tambores produzem grande variedade de sons, e fazem grandissimo estrondo, sobre tudo quando juntam ás duzias.

A Birmania depois da annexação do Pegú, ás possessões da India ingleza, ficou muito limitada, e o antigo reino de Avá está proximo a desmoronar-se como outros muitos do Oriente.

O nosso João de Barros na Dec. 3. da sua *Asia*, falla dos habitantes da Birmania, e dos seus usos; a elle e a Fernão Lopes de Castanheda, l. 5. podem recorrer os curiosos, para verem o que alli passaram os nossos antepassados, depois da conquista de Malaca.

Perguntaram a um politico quaes eram as demonstrações de um amigo verdadeiro?

Respondeu, que só as de quem pelo seu amigo sabia abrir a bolsa, a bocca, e o coração: a bolsa para lhe acudir nas necessidades; a bocca para o consolar nas afflicções; o coração para lhe manifestar os seus segredos. FR. MANUEL GUILHERME.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.